

O jovem e as mídias: conhecimento e cibercidadania

Youth and media: knowledge and cybercitizenship

Caio Mário Guimarães Alcântara

DEP/UA

caiogmalcantara@gmail.com

Luiz Rafael dos Santos Andrade

PPED/UNIT

andrade.luizrafael@gmail.com

Ronaldo Nunes Linhares

PPED/UNIT

ronaldo_linhares@unit.br

Valéria Pinto Freire

FCD/UCM

vpfreire@gmail.com

Resumo

A sociedade em rede demanda cidadãos aptos a conviver com um mundo inserido no contexto informacional e digital. Mobilidade, interatividade e autonomia são algumas das características dessa realidade. As novas configurações resultam num sujeito que aprende e pratica a cidadania de maneiras diferenciadas em relação às formas como antes se consolidavam essas práticas. Nesse sentido, compreender como os jovens utilizam as mídias e o ciberespaço é uma questão fundamental na garantia de educação e cidadania. Relatórios do Banco Mundial (2016), Comitê Gestor da *internet* (2012; 2014) e Fundação Telefônica (2014) mostram como tem ocorrido o acesso à *internet* em dimensões nacional e internacional, e ampliam a necessidade de investigações que busquem compreender como o ciberespaço tem contribuído para inserir os jovens na sociedade. O objetivo deste artigo é, portanto, discutir as formas de acesso à informação, conhecimento e cibercidadania por jovens usuários da web em Aracaju/SE por meio de um questionário aplicado junto ao Instituto Luciano Barreto Júnior (ILBJ). O estudo é quali-quantitativo, e as respostas ajudaram a compor o perfil dos usuários da *internet* como jovens que preferem a mobilidade e que, apesar de inseridos na sociedade em rede, desconhecem as potencialidades e a importância do acesso a informações públicas disponibilizadas nas plataformas virtuais.

Palavras-chave: Cibercidadania. Informação. Juventude. Mídias.

Abstract

The connected society demands citizens able to live in the informational and digital context. Mobility, interactivity and autonomy are some of the features of this reality. These new settings results in people that learn and practice citizenship in different ways and levels. In this perspective, understanding how young people use media and cyberspace is a key issue in ensuring education and citizenship. Reports by World Bank (2016); Comitê Gestor da *internet* (2012, 2014) e Fundação Telefônica (2014) shows how the *internet* has been accessed in Brazil and in other countries, increasing the need for studies that seek to understand how cyberspace has contributed to insert young people in society. The purpose of this article is, therefore, discuss ways of access to information, knowledge and cyber citizenship for young web users in Aracaju/SE through a questionnaire applied by the Instituto Luciano Barreto Júnior (ILBJ). The study is qualitative and quantitative. The responses given to the questionnaire helped to compose the *internet* users profile as young people who prefer mobility and that, although inserted in the network society, are unaware of the potential and the importance of access to public information available on virtual platforms.

Keywords: Cybercitizenship. Information. Media. Youth.

Pensar as relações constituídas numa sociedade em redes é uma prática necessária para que se construa um entendimento mais aprofundado acerca dos sujeitos da atualidade. Essa necessidade é baseada no fato de que hoje o mundo vivencia um processo forte e constante de virtualização dos elementos culturais, quer seja o trabalho, a economia ou mesmo os relacionamentos interpessoais e governamentais, ou seja, grande parte da produção cultural da humanidade tem sido voltada para o espaço da *internet*.

A virtualização dos processos cotidianos dos jovens caracteriza um fator marcante dessa sociedade: a importância da informação (CASTELLS, 1999). Nesse arranjo, a produção do saber passa a ser relevante para as relações culturais em seus mais variados campos, em especial se considerada a disseminação em rede do saber enquanto fator de efetivação do mesmo. Precisa-se considerar que no contexto aqui descrito, o estabelecimento de redes interativas depende do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) não somente como ferramenta, mas no papel de dispositivos de subjetivação (ROSADO & MARTINS, 2015).

A utilização desses dispositivos é processada de maneira diversificada no que tange a sua finalidade. O jovem utiliza a tecnologia digital para o entretenimento, ao ouvir música e acessar redes sociais, fazer downloads e assistir a filmes e séries; para os estudos, ao realizar pesquisas por meio da web, trocar e-mails ou responder a atividades em ambientes virtuais de aprendizagem e isso para citar apenas alguns exemplos. Os aparatos tecnológicos estão cada vez mais imersos na vida do jovem sendo hoje quase que extensão do corpo dos sujeitos em questão. Kenski (2007) descreve essa ligação como um fenômeno recente, desenvolvido com rapidez. Segundo a autora, “na era da informação, comportamentos, práticas, informações e saberes se alteram com extrema velocidade” (KENSKI, 2007, p. 41).

O olhar sobre a relação entre o jovem e as tecnologias digitais elucida o quanto esses dispositivos já transformaram os modos de ser dos sujeitos em questão. Um estudo¹ realizado por pesquisadores da Universidade da Carolina do Norte (EUA) e publicado em

1 A pesquisa citada é denominada “Cell Phone Decision Making: Adolescents’ Perception of How and Why They Make the Choice to Text or Call” (BLAIR; FLETCHER & GASKIN, 2015).

maio de 2015 (BLAIR; FLECHTER & GASKIN, 2015) analisou o uso de telefones celulares por jovens com idades entre 14 e 17 anos.

Segundo a investigação, um adolescente recebe, em média, 182 mensagens instantâneas por dia e de acordo com a pesquisa, quase a totalidade dessas mensagens é respondida. Além de quantificar a presença desses aparelhos no cotidiano do jovem, o estudo mostra que para se comunicar, os jovens utilizam *smartphones* que possibilitam conexão com a *internet*. Vale ressaltar que essa pesquisa não considerou o uso de aplicativos de mensagens instantâneas tais quais o *whatsapp*, fator que pode modificar para mais a média de mensagens diárias recebidas pelos sujeitos.

Além de se configurar enquanto um elemento de composição do sujeito, a presença constante dos *smartphones* no cotidiano dos jovens remete a uma reflexão: a necessidade que os adolescentes desenvolvem de estarem sempre conectados. A proximidade entre os jovens e dispositivos tecnológicos, que hoje estão completamente incorporados aos espaços ocupados pela juventude, tem promovido profundas alterações nas relações sociais e na pluralidade cultural relacionada à juventude. O modo como ele assimila conteúdos e aprende foram – e estão sendo – modificados e esse é um fenômeno social que precisa ser investigado para ser compreendido.

A *internet* e o ciberespaço são espaços dotados de condições para serem consolidados como as zonas de convergência dos estudos, pesquisas, divulgação científica e acesso à cidadania. Por ser um ambiente que possibilita a interação (pode-se inclusive afirmar que esta é a característica precípua da *web 2.0*) fica impossível dissociar o atual momento histórico e social, da ideia da sociedade em redes.

Nesse contexto é importante buscar uma compreensão sobre a forma como os jovens têm se relacionado com a *internet* e suas possibilidades de interação e construção de saber. Essa relação possibilita o entendimento do quanto a nova forma de pensar e de entender o mundo, promovida pela consolidação da *web 2.0*, tem influenciado os modos de ser do sujeito, em especial os modos de se produzir conhecimento, além do jeito de pensar o papel do cidadão e as contribuições dos próprios indivíduos para a sociedade.

Este é, portanto, o principal objetivo do presente trabalho, discutir as formas de acesso à informação e a cibercidadania a partir da experiência de jovens usuários da web. A pesquisa conta com a colaboração de jovens residentes na cidade de Aracaju/SE e da região metropolitana, todos integrantes do projeto “Conectando com a Vida”², desenvolvido

² Projeto âncora do ILBJ, agregador de todos os demais projetos, tem como objetivo promover o processo de inclusão social de jovens em vulnerabilidade social e econômica, desenvolvendo competências fundamentais para o mundo do trabalho e para o exercício da cidadania. Informática, Matemática,

pelo Instituto Luciano Barreto Júnior (ILBJ). Eles responderam a um questionário sobre os usos da *internet* e o acesso a informações públicas, instrumento que permite a análise da constituição de uma sociedade em rede.

Mídias digitais e o acesso de jovens ao conhecimento e à cidadania

Qualquer produção cultural da atualidade, nos mais diversos campos, está de forma direta ou indireta ligada à *internet*. O ciberespaço desempenha hoje um papel importante para a cidadania, função que tem ficado evidente com a consolidação da virtualização dos processos humanos (CASTELLS, 1999).

É na *internet* que são realizadas transações bancárias, registros de documentos, comercialização dos mais diversos produtos e canal de contato entre cidadão e Estado. A *internet* também tem sido considerada ao longo do tempo como possuidora de um potencial democrático, ao disponibilizar informações públicas e ajudar a organizar movimentos políticos (BURKE, 2012), de modo semelhante ao efeito surgido a partir das mídias impressas na Europa (BURKE e BRIGGS, 2006), que criaram um espaço público de debates e discussões. Essa rede também tem incentivado o acesso a informações governamentais. Burke (2012, p.340) chama atenção para “muitos países que têm aprovado leis de liberdade à informação (na Inglaterra, em 2010)”, e, governos que “começaram a disponibilizar dados oficiais na *internet*, nos Estados Unidos (2009), por exemplo, ou na Inglaterra (2010)”. No Brasil o governo começa a disponibilizar informações na *internet* oficialmente a partir da lei de acesso à informação pública (2011) que tem como principal objetivo garantir o total acesso do cidadão à informação por meio do Portal da Transparência do Governo Federal, criado e administrado pela Controladoria-Geral da União (CGU).

A prática da cidadania implica inclusão e participação social (DALLARI, 1998). Em termos de espaços digitais, fala-se na consolidação de uma cidadania, relacionada à possibilidade de ação coletiva, acesso à informações e colaborações em rede, em ambientes virtuais. Esse conceito é descrito por Levy (1999, p. 128-129) como “um conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensar e valores no ciberespaço”. O cidadão digital é entendido como “[...] aquele que usa a tecnologia frequentemente, que usa a tecnologia em busca de informação para cumprir os seus deveres cívicos [...]”

Português e Cidadania e Trabalho, Arte-educação, são algumas das ações empreendidas por este projeto que tem duração de 10 meses. Fonte: <http://www.ilbj.org.br/projetos>

(MOSSBERGERET et al., 2008, p. 2). Nesse sentido o acesso à informação e à prática cidadã na *internet* têm cada vez mais ganhado espaço na rede.

O ambiente virtual também tem abrigado grande parte do conhecimento humano. Livros, pesquisas, conteúdos diferenciados e atuais, caracterizando-se como um espaço relevante para composição de capital cultural (BOURDIEU, 1979), considerando toda a influência de indivíduos e instituições na consolidação dos processos, disseminação de saberes e subjetivações inerentes ao ciberespaço.

Em termos, falar sobre virtual significa discorrer sobre um conceito fundamental para o pensamento direcionado às práticas de uma sociedade em rede. Isso porque esse arranjo social se processa por meio da *internet*, campo que possibilita as interações no ciberespaço. É válido ressaltar que essas interações são inerentes à *web 2.0* (PRIMO, 2007), considerada fruto do segundo momento da *internet* e caracterizando-se por disponibilizar ferramentas de produção e compartilhamento coletivos, essenciais para que haja a interação, característica principal de uma sociedade em rede.

A interação entre sujeitos é também fundamental para Lemos (2014), autor que defende a troca de conhecimentos e experiências como elementos constituintes dos sujeitos na atualidade, muito mais que os ambientes e espaços de subjetivação, dentre os quais a escola e a família. Esse pensamento é evidenciado em contextos no qual o autor faz uma análise da vida em sociedade e afirma que “somos o que se forma nas associações a não humanos e a outros humanos. Retire as redes e não encontrarás o indivíduo” (LEMOS, 2014, p. 15).

É nesse contexto de imersão do homem no ciberespaço e das trocas feitas entre sujeitos e mediadas pelas tecnologias (TORNAGHI, 2011) que vivem hoje os jovens, que têm sido formados, tanto no sentido técnico como no aspecto cidadão, pelos elementos e conteúdos disponibilizados na *internet* e que por isso, necessitam conhecer as implicações inerentes ao uso da web.

As questões relacionadas à utilização de dispositivos tecnológicos que possibilitam o acesso à *internet* já ocupam um espaço central nas investigações de organismos e instituições internacionais, dentre as quais a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), para citar apenas alguns exemplos de extensão global. Essa preocupação em entender a forma como os jovens têm utilizado os aparatos tecnológicos é justificada no fato da sociedade atual estar pautada na mediação dos meios comunicacionais e necessitar de sujeitos habilitados para o uso dessas tecnologias tanto na dimensão pessoal como profissional.

Esse novo arranjo social está relacionado de forma direta à consolidação da pós-modernidade, definida por Lipovetsky (2014) como um período no qual são formadas sociedades pautadas na busca pela felicidade, ideal baseado no consumo e, portanto, propenso à influência de fatores do mercado. Nessas sociedades “há também todo um ambiente de estimulação dos desejos, a euforia publicitária, a imagem luxuriante de férias, a sexualização dos símbolos e dos corpos” (LIPOVETSKY, 2007, p. 30-31) o que resulta numa sociedade hedonista, veloz e individualista, caracterizada como hipermoderna.

Em face desse novo paradigma social, no qual os sujeitos são modificados pelos movimentos do mercado³ e levando em consideração a virtualização dos processos, o acesso à *internet* passa a ser defendido como direito de crianças e adolescentes. A Convenção das Nações Unidas sobre os direitos da criança defende em seu 13º artigo que todo jovem tem como direito fundamental o acesso à informação, sendo livre para buscá-la e recebê-la sem que haja barreiras para a expansão do saber.

O documento afirma ainda que a busca por informação deve ser feita “sem considerações de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança” (UNICEF, 1990, p. 11). Apesar de não citar de forma direta a *internet*, é possível a compreensão de que o ciberespaço esteja incluído na seara dos meios que devem ser disponibilizados para que as crianças busquem informação.

O esforço para assegurar que os jovens tenham acesso à *internet* saiu dos documentos formalizados em acordos e convenções internacionais e passou a ser efetivado em ações práticas por parte de governos em todo o mundo. Segundo estudos realizados pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (SUNKEL; TRUCCO & ESPEJO, 2014, p. 27-28), apenas nessa região do planeta, mais da metade dos estados possuem políticas voltadas para a inserção de tecnologias da informação e da *internet* na escola.

É comum também a criação de órgãos responsáveis por gerir projetos nessa área. Algumas práticas também têm sido efetivadas na Europa. Um exemplo é o caso da Espanha, país no qual em 2006, o Decreto Real nº1513/06 estabeleceu o currículo da educação primária caracterizando o acesso à informação e ao letramento digital como competências básicas (RAMÍREZ-GARCÍA; MARÍN-DÍAZ; SÁNCHEZ-CARRER, 2014).

Para a Comissão Europeia de Educação e Treinamento, entender a forma como os jovens utilizam as tecnologias da informação é um dos oito quadros fundamentais para a criação de políticas públicas. Essa questão já é levada em consideração no Brasil, onde há

³Entre os elementos oriundos da sociedade do consumo que influenciam na formação dos indivíduos sociais estão conceitos pensados por Lipovetsky (2007) como o narcisismo, a moda, a sedução e o hiperconsumo.

investigações no sentido de conhecer o perfil do jovem realizadas pelo Comitê Gestor da Internet (CGI.br) e pela Fundação Telefônica.

Uso de tecnologias por jovens no Brasil

Hoje o Brasil ocupa a posição de quinto país com o maior número de usuários da *internet*, são mais de 100 milhões de pessoas que fazem acessos diários à rede mundial de computadores (BANCO MUNDIAL, 2016). Esses números mostram que o índice de acessos é alto, superando a média mundial. Em relatório⁴ divulgado em janeiro de 2016, o Banco Mundial relata que em todo o planeta, 60% da população não conta com meios para visitar os sites da *web*, mas no Brasil esse índice é de 49%.

Os dados levantam algumas reflexões que perpassam por questões políticas, econômicas e sociais, mas servem para demonstrar o grande fluxo de usuários da *internet*, nas mais variadas faixas classificatórias, tais como idade, condições sociais e sexo. No caso específico dos jovens, existem dois estudos que retratam de forma concisa quem são esses sujeitos.

Em 2014, a Fundação Telefônica divulgou na *internet* o relatório “Juventude Conectada”, que ouviu 1.440 jovens com idades entre 16 e 24 anos, residentes nas cinco regiões do país. O estudo, que teve o objetivo de entender a forma como o jovem usuário da *internet* se comporta na era digital e aproveita as oportunidades que surgem no ciberespaço, estabeleceu critérios ligados à frequência de uso da *internet*, níveis de alfabetização, plataformas utilizadas para o acesso à rede mundial de computadores e também em critérios socioeconômicos.

O relatório concluiu que apesar do grande fluxo de acesso à *web* no país, cerca de 60% das residências não contam com computador e que das casas que têm a máquina, quase 54% estão na região sudeste do país. Contudo, o dado mais revelador da pesquisa, no sentido de conceituar a forma como a juventude tem preferido se conectar é aquele que faz referência aos dispositivos móveis, de forma mais específica, ao *smartphone*.

Dos 1.440 entrevistados, 605 responderam que preferem utilizar os *smartphones* para ter acesso aos conteúdos disponíveis na *internet*. Essa quantidade representa 42% do total dos participantes e compõe a maioria no fator preferência, quando somado ao índice dos demais dispositivos móveis ou ubíquos (SANTAELLA, 2010), dentre os quais os *notebooks* e os *tablets*.

⁴World Development Report 2016: Digital Dividends.

O relatório apontou um dado interessante e de certa forma contraditório. Apesar de preferirem tecnologias que possibilitam a mobilidade, durante o uso os jovens têm deixado de acessar a *internet* fora de casa. A pesquisa mostrou que, mesmo conectados por dispositivos móveis, os usuários têm preferido ambientes como o próprio quarto e sala de casa para fazer o acesso à rede. Os laboratórios de informática das escolas e mesmo as *lanhouses* têm sido pouco utilizados como ambiente preferencial para acesso.

Em relatório também divulgado em 2014, o Comitê Gestor da Internet (CGI.br), instituição responsável por monitorar a forma como os aparatos tecnológicos têm sido utilizados para que sejam traçados planos e metas, traz aspectos que podem ser relevantes numa busca do entendimento acerca dos sujeitos envolvidos na relação jovem-tecnologia, dentre os quais os seguintes fatores: perfil de uso da *internet*, atividades na *internet*, redes sociais, habilidades para o uso da *internet*, mediação e consumo.

A pesquisa realizada pelo CGI.br analisou respostas de questionários enviados a 2.261 crianças e adolescentes com idades entre 9 e 17 anos em todas as regiões do país e o primeiro dado aferido é referente a essa localização. Quase a metade dos adolescentes que acessam a *internet* no Brasil (46%) faz uso da rede na região sudeste. Nesse indicador, a região com a menor incidência de uso foi o centro-oeste, onde apenas 14% alegaram acesso.

Outro fator a ser considerado é o econômico. Do total de participantes, 56% informaram fazer parte da classe C e 47% dizem que a renda familiar está entre 1 e 3 salários mínimos. Também foi verificado que em todo o país, há uma quantidade maior de crianças e adolescentes do sexo feminino fazendo uso da web. Elas são 56% do total de participantes da pesquisa contra 44% de participantes do sexo masculino.

O Comitê Gestor da Internet no Brasil (2014) também averiguou as formas como a *internet* tem sido utilizada pelos jovens. Nesse quesito 79% afirmaram que o acesso à *internet* é sempre iniciado pelas redes sociais, 87% também fazem uso da web para atividades escolares, 68% não deixam de assistir a vídeos e 50% fazem downloads de audiovisuais com frequência diária.

Esses dados contribuem com a construção de um perfil nacional de uso da *internet*: a maioria desses usuários (40%) tem entre 15 e 17 anos. Do total de participantes da pesquisa, 1.267 afirmaram pertencer à classe C e mesmo tendo na interação com outros jovens por meio das redes sociais o maior motivador, de uma forma geral o espaço virtual tem sido utilizado para os estudos.

A investigação apontou fatores que podem ajudar na comprovação de fenômenos ligados ao uso da *internet* por jovens brasileiros e que foram identificados também pelo

relatório apresentado pelo Instituto Telefônica (2014). De início percebe-se o aumento do acesso feito por meio de plataformas variadas. Comparando dados colhidos pelo CGI e divulgados nos anos de 2012 e 2014, fica evidente que no espaço temporal de dois anos os jovens conseguiram diversificar as formas de acesso à *web*.

Há uma alteração significativa no comportamento dos adolescentes ao se falar na maneira como eles costumam utilizar a *internet*. Apesar do uso do computador de mesa ainda ser a principal forma de acesso nos dois relatórios, a utilização de plataformas móveis como *smartphones*, *tablets* e *notebooks* contou com um crescimento total de 59% enquanto que o uso do computador de mesa cresceu apenas 13%.

Os dados aferidos ajudam a compreender como o jovem brasileiro tem lançado mão da *internet* enquanto ferramenta de obtenção de informações, entendida no presente trabalho enquanto conhecimento. Mas justifica-se uma investigação que aponte a realidade do uso da *web* por jovens numa perspectiva local. Em dezembro de 2014, foi realizado um estudo com mais de 500 indivíduos que frequentam as atividades desenvolvidas pelo Instituto Luciano Barreto Júnior (ILBJ), organização não governamental sediada em Aracaju, capital do estado de Sergipe.

Tecnologias, redes e o jovem sergipano: conhecendo os percursos metodológicos

Do ponto de vista tipológico, esta pesquisa constitui-se enquanto um estudo exploratório, que possibilita uma visão geral do tipo aproximativa (MOREIRA & CALEFFE, 2008). A abordagem está voltada para a análise de fenômenos complexos e inerentes à vida dos jovens na sociedade, com natureza quali-quantitativa (CRESWELL, 2010). Devido a essa natureza, demandou procedimentos que possibilitaram visões diversificadas sobre o objeto, aliando procedimentos, instrumentos e análises de natureza qualitativa e quantitativa de forma combinada, sendo uma estratégia eficiente para o estudo de objetos complexos (MINAYO, 2010).

A utilização de questionários fechados e estatísticos, analisados de forma aprofundada e em diálogo com a teoria acerca do objeto, justifica a caracterização da pesquisa como quali-quantitativa. Permite que se conheça e se dimensione as concepções dos sujeitos na prática social, com a segurança dos procedimentos científicos. A abordagem quantitativa se efetiva através das questões fechadas do questionário e a frequência de aparições de determinados elementos, e a qualitativa engloba, com a questão aberta, as percepções de diferenças e semelhanças, deduções específicas sobre os acontecimentos e interpretações e a atribuição de significado aos dados.

Essa análise é construída a partir de um estudo realizado no ILBJ, instituto fundado pela iniciativa privada no ano de 2003 sem subsídio governamental. Atualmente, dispõe de uma estrutura voltada para o ensino e aprendizagem que está dividida em salas climatizadas com lousa digital, *notebook* para o docente e *datashow*, laboratórios de informática conectados à *internet*, auditório e salas específicas para leitura e oficinas de teatro. Uma das principais ações do instituto é o projeto “Conectando com a vida”, proposta formativa executada por uma equipe multidisciplinar, composta por psicossocial, gerência, assistência pedagógica e educadores das áreas de história, português, matemática, informática e inglês, além do quadro administrativo, totalizando 19 educadores. Essa equipe trabalha durante todo o ano a formação de inclusão social para os jovens ali recebidos.

O ato de conhecer se e como os jovens formados pelo ILBJ estão interessados pelas ferramentas digitais para acessarem a *internet* e fazerem dela uma fonte de informação confiável e um meio de prática cidadã, fez-se pelo papel desse instituto em formar jovens, em especial aqueles em situação de vulnerabilidade social, público alvo das ações desenvolvidas pelo ILBJ.

A ferramenta de coleta de dados utilizada para analisar a percepção de inclusão digital desses educandos foi a construção de indicadores de acesso informacional para jovens. O questionário foi composto por 14 questões fechadas e uma questão aberta, todas de caráter obrigatório, sendo aplicado nos dias 9 e 10 de dezembro de 2014, com alunos dos três turnos do ILBJ das turmas concluintes do projeto “Conectando com a Vida”, totalizando 556 respondentes.

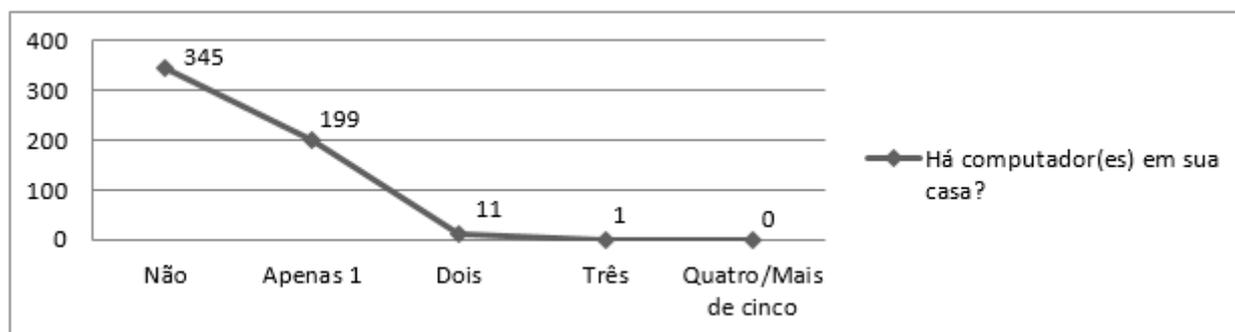
As perguntas do questionário foram estruturadas em três tópicos, sendo eles: I) Interesse II) Aprendizagem e III) Política e Cidadania. O objetivo da aplicação do questionário foi conhecer, quais tecnologias digitais são constantes e se fazem necessárias no dia a dia de jovens inseridos na sociedade da informação, em especial considerando o aspecto de aquisição de conhecimento para a cidadania.

As questões foram elaboradas em torno do tema do acesso à informação pública e cidadania digital como prática cidadã a partir de ferramentas digitais. Os dados foram organizados em forma de gráficos estatísticos no formato *.pdf. A presente análise foi construída a partir de tabelas e gráficos para melhor compreensão do leitor.

Um olhar sobre o ILBJ, os consumos e a prática cibercidadã entre os jovens

As questões abaixo representam os conteúdos referentes ao contexto digital na vida dos jovens educandos do ILBJ investigados por meio do referido questionário. Nos quadros

a seguir, é possível observar como as tecnologias digitais e da comunicação se fazem presentes na residência dos jovens que colaboraram com o estudo.



Quadro 1 – Há computador(es) em sua casa?
Fonte: Elaboração própria

Do universo de jovens a que se refere a investigação, questionados se “Há computador(es) em sua casa”, 62% dos sujeitos afirmaram não ter computador em sua residência, seguidos de 36% que afirmaram ter pelo menos um computador. Esse dado remete a uma característica já observada em investigação de âmbito nacional (ORGANIZAÇÃO FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2014), na qual se verificou que 60% dos jovens brasileiros não possuem computador. O índice comprova que o estado de Sergipe tem seguido a média brasileira nesse quesito e também baseia outro fator observado: a relação entre o acesso ao computador e as classes sociais.

Se observados, os relatórios Organização Fundação Telefônica (2014) e Comitê Gestor da Internet no Brasil (2014) mostram que a presença de computadores nas residências é mais forte entre famílias que se declaram como pertencentes às classes A e B, no geral famílias da região sudeste do país. Em se considerando que os jovens que frequentam o ILBJ pertencem a famílias em situação de vulnerabilidade social, chega-se à conclusão de que em Sergipe os computadores de mesa não são comuns em casas de família da classe C, da mesma forma como foi averiguado nas demais regiões do Brasil.

Um fator apontado a partir da pesquisa realizada em Sergipe com os jovens do ILBJ é que a ausência do chamado computador de mesa nas residências não está atrelada à falta de acesso ao ciberespaço. As respostas dadas à segunda questão do questionário confirmam que a frequência de uso da *internet* costuma ser alta.



Figura 1 – Com que frequência você utiliza a *internet* para buscar informações?

Fonte: Elaboração própria

A quantidade de vezes que os sujeitos da pesquisa afirmam utilizar o espaço da *internet* é constante ao longo do período de um mês. Uma análise mais detalhada dos índices expostos na figura 1 demonstra que quase 98% dos entrevistados fazem do acesso à web um hábito que em alguns casos é diário. Do total de 556 entrevistados, apenas 2% informaram não manter contato com os conteúdos da rede mundial de computadores.

Diante dessa informação, um questionamento se faz inevitável: se 62% dos jovens do ILBJ responderam que não possuem computador em casa, mas o índice de acessos diários e mensais é alto, qual plataforma é utilizada por esses sujeitos para que a conexão seja concretizada?

A verdade é que além das questões sociais e econômicas ligadas à posse de um computador de mesa, dispositivo caro e de difícil acesso aos participantes das atividades do ILBJ, que no geral estão em situação de vulnerabilidade social, há também uma característica própria dos sujeitos alvo desta pesquisa. Eles têm preferido utilizar aparatos móveis para acessar a *internet*, da mesma forma que os jovens ouvidos pelas pesquisas realizadas em todo o território nacional.

Esse dado reforça também a importância que os dispositivos ubíquos (SANTAELLA, 2010) desempenham nas atividades da atualidade. Além de serem mais acessíveis a uma parcela grande da população, devido ao preço pago para a aquisição de celulares e outros dispositivos móveis, eles possibilitam o acesso à *internet* de forma constante, sem estar atrelado a barreiras físicas. A constância e a agilidade no acesso e compartilhamento de informações é uma das características precípuas da sociedade em rede e se concretiza em Sergipe, conforme averiguado com a pesquisa.

Na investigação desenvolvida pela Fundação Telefônica (2014), 67% dos que participaram afirmaram preferir utilizar aparelhos como *smartphones* e *tablets*, além dos *notebooks*, enquanto o uso do computador de mesa era feito por 33% do total. O CGI.br (2014), que usou uma metodologia diferente, já que os jovens podiam relatar o uso de mais

de uma plataforma na hora de acessar a *internet*, averiguou que as plataformas móveis são preferidas por 92% do total de respondentes.

O resultado da investigação realizada em Sergipe seguiu a tendência nacional, apontando que no estado há uma predileção pelos aparelhos que possibilitam movimentação espacial enquanto são utilizados como ferramentas de conectividade. É o que pode ser percebido com a leitura da figura 2.

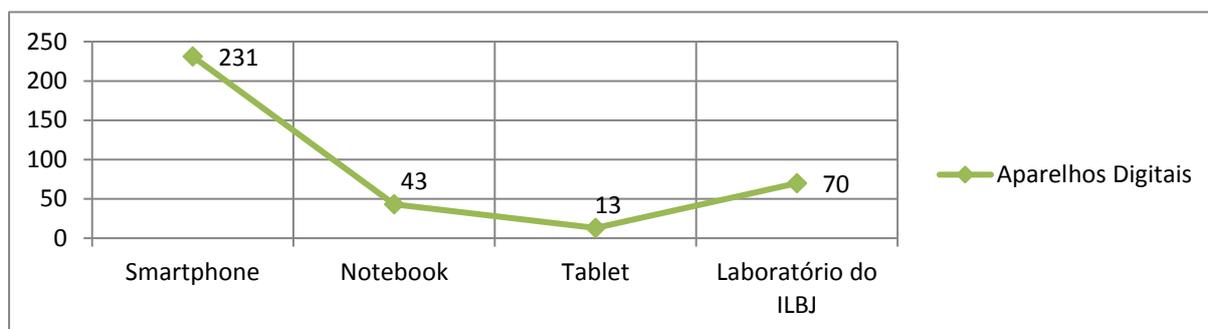


Figura 2 – Com quais aparelhos digitais você mais tem acesso às informações na *internet*?

Fonte: Elaboração própria

Enquanto que no Brasil o percentual de preferência pelos aparelhos móveis ficou entre 67% e 92%, em Sergipe esse índice chegou aos 81%, se somados os percentuais dos que preferem utilizar *smartphone*, *notebook* e *tablet*. É perceptível, portanto, que neste indicador também há semelhanças entre o perfil do jovem sergipano usuário da *internet* e o perfil que considera os jovens de todo o país. Além disso, o percentual de jovens sergipanos que possuem *smartphone* supera a média mundial.

Ainda no sentido de pensar a relação entre os sujeitos da pesquisa e o acesso que eles têm à *internet*, foi perguntado se havia conexão com a *internet* nas residências deles, como está demonstrado no gráfico a seguir.

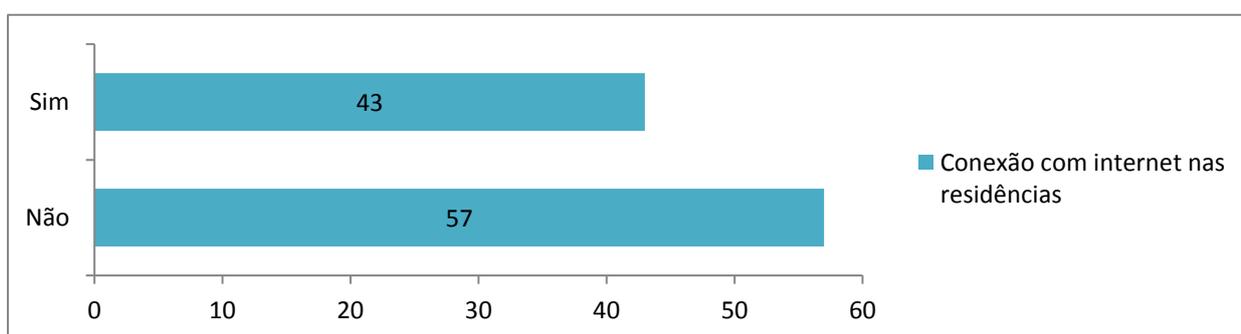


Figura 3 – Há conexão com a *internet* em sua casa?

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados confirmam que na atualidade, a falta de condições econômicas, ou mesmo de interesse, para a aquisição de um computador de mesa não se traduz num empecilho para que a conexão com a *internet* seja concretizada. Se as respostas obtidas com o

questo interesse do questionário aplicado durante a pesquisa realizada no ILBJ forem analisadas em conjunto torna-se possível a compreensão de que enquanto 62% afirmam não possuírem computador em casa, 57% têm conexão, índices que não estão numericamente próximos: dos 556 jovens que responderam ao questionário, apenas 28 não possuem computador nem conexão com a *internet* nos locais onde residem.

Nesse quesito infere-se uma disparidade entre os dados obtidos em Sergipe e os relatórios nacionais. Enquanto que na pesquisa nacional 40% dos jovens não possuem acesso à *internet* em casa, em Sergipe esse índice cai para 5%. Nenhuma das investigações, as nacionais e a local, buscou discutir as causas efetivas desses índices, havendo apenas deduções de que os índices são resultados de fatores econômicos. Ainda assim verifica-se uma brecha entre os percentuais e as realidades da economia dos espaços de investigação.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a renda *per capita* nacional é de R\$ 1.052,00, e em Sergipe esse total é de R\$ 758,00. Por dedução, conclui-se que as condições econômicas da população sergipana dificultariam o acesso à *internet*, mas a média de acessos local superam as nacionais. Essas são reflexões importantes para a compreensão do fenômeno e a consolidação de políticas públicas que regulem o uso das mídias para acesso ao conhecimento e à cidadania, mas que demandam investigações e olhares mais específicos.

Apesar da disparidade dos dados aferidos em Sergipe e os nacionais, há um fator que aproxima os resultados. O alto acesso à *internet* entre os jovens sergipanos reforça a constância dos dispositivos móveis. Essa reflexão serve de argumento para o entendimento de que o uso de celulares está cada vez mais promovendo a consolidação de uma alteração dos meios para acesso à *web*. Na prática, isso significa que os aparatos tecnológicos móveis são mais usados, derrubando as barreiras entre real e virtual (LINHARES, 2007). Não importa mais o lugar nem o momento em que se esteja, é sempre possível estar conectado.

Nesse sentido o interesse que os jovens despertam pela ubiquidade amplifica a quebra dos marcadores espaço/temporais (MUNARI, 2003). É a possibilidade de, por meio dos dispositivos móveis, estar sempre e a toda hora conectado com o ciberespaço que promove a imersão entre o físico e o virtual.

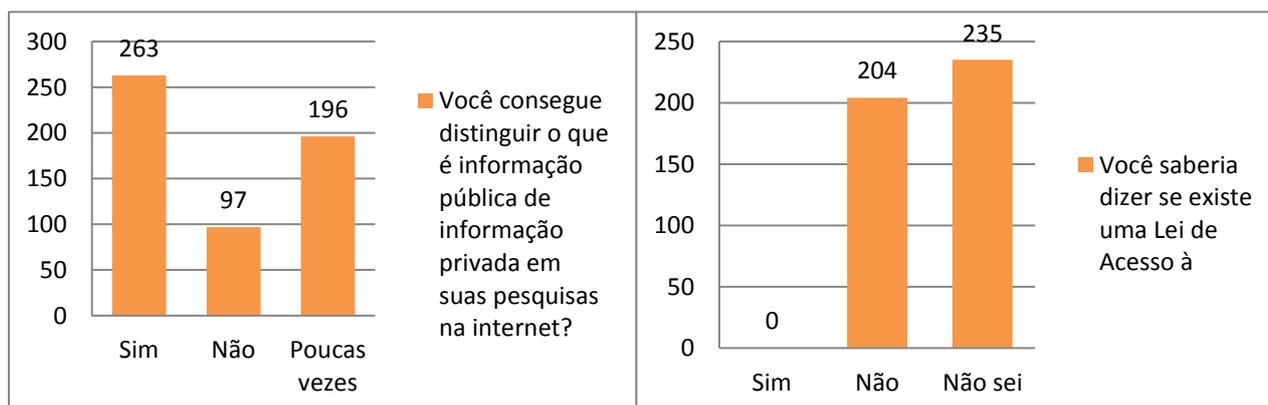
O contexto é de consolidação dos processos de construção de conhecimento em rede. Almeida (2008) considera que os indivíduos da atualidade estão inseridos numa realidade na qual o conhecimento só é construído por meio da interação com o meio, num sentido próximo ao apregoado por Lemos (2014), que defende a interação entre sujeitos e

elementos como sendo a principal fonte de obtenção e disseminação de conhecimento. É a atuação com os sujeitos, objetos e fatos que dá significado aos processos, e faz com que novas perspectivas e outros olhares se consolidem. A *internet* tem sido confirmada como o palco de todas essas transformações.

Muito além de reconfigurar os espaços e a linguagem dos saberes, tornando-se o campo para onde converge grande parte da produção tecnológica do homem, a *internet* moldou o formato desses conhecimentos produzidos, que passaram a ser transitórios e provisórios (MORIN, 2000). Na prática, isso significa que a *internet*, por se basear em elementos como o hipertexto, a comunicação incessante e a inovação, incentiva a existência de sujeitos mais ativos e interessados em construir, muito mais que consumir conhecimento.

Essas questões precisam ser consideradas ao se analisar a relação nascida a partir do uso da *internet* pelos jovens. A partir das percepções advindas do questionário aplicado no ILBJ, a *web* está consolidada como uma ferramenta importante no desenvolvimento de habilidades, competências ligadas à aquisição de informação, em especial as informações públicas.

Para traçar um perfil do entendimento dos jovens no que tange a esse tipo de informação, duas perguntas foram propostas, uma questionando se eles sabem diferenciar o que é informação pública e privada e outra se eles sabem da existência de uma lei que versa sobre o acesso à informação no Brasil. As respostas obtidas foram as seguintes:



Quadro 3 – Acesso à informação pública

Fonte: Dados da pesquisa

As respostas apontam que, por parte dos jovens do ILBJ, não há muita clareza sobre o que é informação pública e privada, isso em nível de conceito. Eles conseguem visualizar que existe informação de interesse particular e por isso não deveriam ser postadas, compartilhadas ou mesmo divulgadas, e outras que são de interesse coletivo. Se somados os índices de respostas obtidos com os indicadores “sim” e “poucas vezes” chega-

se ao resultado de 82% de jovens afirmando que sabem a diferença entre os dois tipos de informação.

O que eles não compreendem, ao menos não demonstram compreender com clareza, é a diferença entre informação privada e pública, no sentido de comunidade/governo. No total, 82% dos adolescentes responderam que desconhecem a existência de uma lei sobre o acesso à informação no Brasil. A investigação nesse sentido foi aprofundada em outras três perguntas. A primeira delas indagou os participantes da pesquisa se eles já haviam visitado o portal de acesso à informação do governo brasileiro. Entre todos os 556 respondentes, 434 afirmaram que nunca haviam visitado esse site e 437 disseram nunca ter solicitado informações.

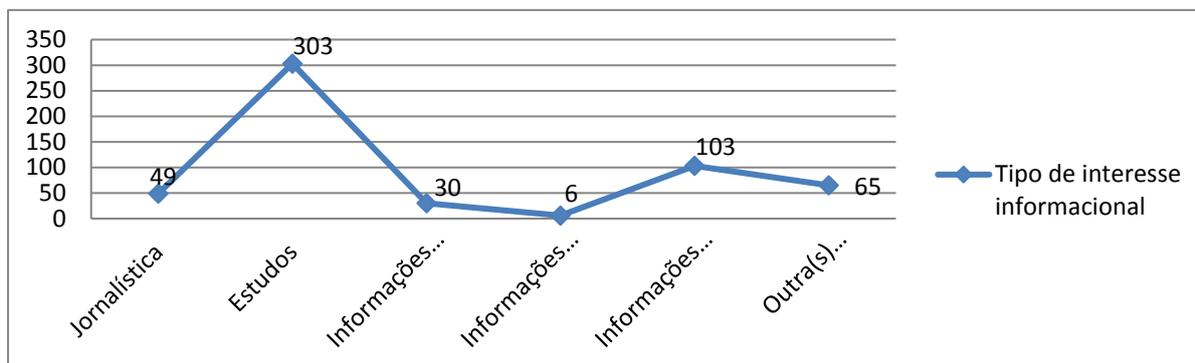
Com isso, depreende-se que de fato os jovens dominam as competências técnicas para fazer uso da *web* e entendem que ela se constitui enquanto um dispositivo importante para a concretização da aprendizagem. No entanto, ainda há certa confusão em alguns conceitos relativos ao ciberespaço, em especial àqueles que se referem ao uso desse ambiente virtual enquanto ferramenta para busca de informação relativa a direitos sociais, numa abordagem de utilização da *web* enquanto prática cidadã. Essa relação entre *internet* e cidadania é o objeto de investigação do último item do questionário, “política e cidadania”.

Os jovens tiveram que responder se se consideravam cidadãos participativos e cientes das políticas públicas do governo brasileiro na *internet*. O resultado aponta que a maioria (58%) não avalia a própria postura como ativa na busca da efetivação de alguns aspectos da cidadania. Essa avaliação acompanha o que foi demonstrado num item subsequente, que averiguou se esses jovens já haviam participado por meio das redes sociais de algum movimento de reivindicação política ou social.

Da mesma forma que os respondentes do questionário consideraram não serem cidadãos participativos, eles afirmam que nunca participaram de mobilizações programadas pelas redes sociais, ou mesmo realizadas nessas redes. Esse indicador recebeu um total de 73% das respostas, um total de 556. Ainda nesse quesito, 5% dos jovens disseram que desconheciam essa função política das redes. Paradoxalmente, quando perguntados se eles se sentem informados ao utilizar as redes sociais, 59% alegaram que sim, conseguem obter informações a partir dos conteúdos postados nessas redes.

Vale ressaltar que apesar de estarem sempre, ou em grande parte do tempo, conectados e de 88% dos 556 que participaram da investigação no ILBJ avaliarem que o principal uso da *internet* é para a busca por informações, os dados colhidos apontam para o fato de que os sujeitos da pesquisa demonstram pouco conhecimento acerca das

possibilidades de uso da *internet*. Entre todos os que participaram da investigação, 73% afirmaram ter interesse em procurar por apenas dois temas na *web*: estudos (54%) e entretenimento (19%).



Quadro 2 – Por qual o tipo de informação você mais se interessa na *internet*?

Fonte: Dados da pesquisa

O principal motivador para o acesso à *internet* – de acordo com as respostas colhidas – é o estudo. Isso significa que para os jovens que frequentam o ILBJ grande parte das atividades desenvolvidas nos ambientes virtuais está relacionada à pesquisa da escola. O segundo fator mais importante quando se refere a acesso à *web* é o entretenimento. O sujeito da pesquisa entende que é na *internet* que ele consegue músicas, filmes, séries, jogos e relacionamentos sociais. O universo desta pesquisa é composto por jovens em níveis de vulnerabilidade social na metrópole de Aracaju/SE e os espaços culturais na cidade oferecidos como alternativas de entretenimento a juventude que são, em sua maioria, carentes de políticas públicas que ofereçam à população acesso a produtos e ações culturais de maneira acessível. A ausência ou pouca acessibilidade a espaços culturais físicos na sociedade contribui para que o jovem busque com maior frequência esses espaços na *internet*.

No entanto, um aspecto que chama a atenção é o fato de que a pesquisa relacionada à busca de direitos do cidadão como as informações governamentais, informações especializadas e mesmo as matérias jornalísticas, são de interesse de apenas 16% dos jovens. Vale ressaltar que essa marca é alcançada se forem somados todos os indicadores.

O universo atual desses jovens faz parte de uma revolução tecnológica, que segundo Castells (1999), põe as tecnologias de informação e comunicação enquanto fenômenos que (re)significam a base material da sociedade, conseqüentemente, a partir do momento em que essas tecnologias são incorporadas no cotidiano desses sujeitos, a relação Estado e sociedade também passa por mudanças consideráveis, “[...] criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela” (CASTELLS, 2005, p. 3). Surge, a partir dessas mudanças, um novo canal de comunicação,

conhecimento e serviço entre Estado e sociedade, criando uma nova forma de se praticar cidadania através de suportes digitais. No entanto, esses novos canais são questionáveis no sentido de que forma pode servir e como o conhecimento destes pode contribuir para fortalecer a cidadania desses jovens.

Os novos modos de se comunicar e obter informação permitem que a *web* proporcione a oportunidade de acesso e reformulação de seu conceito do que é a prática cidadã tradicional frente às possibilidades de mudança, abrindo caminhos conceituais para uma cidadania digital, vinculada à regulamentação dos direitos humanos e os direitos de cidadania para a sociedade da informação mediada pelas TIC que estão presentes – seja no trabalho, nos estudos ou no lazer – em seus cotidianos.

Nesse sentido a *internet* tornou-se um importante espaço de convergência cultural. Grande parte da produção humana, quer sejam os saberes, as movimentações financeiras, conteúdos educativos e mesmo as informações públicas tem sido disponibilizada ou ainda produzida na *internet*. A possibilidade de acessar essa produção, (re)significa os saberes e as práticas sociais não apenas dos jovens, mas de toda uma sociedade.

A *internet* e todo o arcabouço informacional multimidiático que possibilita o acesso dos indivíduos ao ciberespaço trazem à tona novas formas de produzir, acessar e consumir informação, conhecer e construir saberes nas mais diversas dimensões, econômicas, sociais, culturais, etc, tornando-se dessa maneira um elemento central nos processos de subjetivação. Ela aproxima polos opostos e confronta realidades divergentes, sem considerar barreiras físico-temporais. Em se tratando da produção de conhecimento, esses dispositivos servem tanto para efetivar processos de subjetivação, como para consolidar as alternativas de contra poder (WOLTON, 2009), ao disponibilizar publicações científicas, conteúdos audiovisuais diversificados e plataformas de debate e troca de informações. Assim, dizemos que a *internet* representa para o jovem sergipano um espaço de interações entre sujeitos e instituições que moldam os modos de ser e de conhecer (BOURDIEU, 1979).

As transformações inerentes aos usos do ciberespaço para a consolidação do saber não apenas entre os jovens, mas na sociedade em geral, estão relacionadas a um contexto histórico que possibilita essas mudanças, conforme apregoado por Burke (2012). O avanço tecnológico produziu novos sentidos e, principalmente necessidades, individuais e coletivas. Essas necessidades impulsionam a busca por conhecimento e modifica a realidade vigente e nesse processo se constituem as contribuições do ciberespaço para a aquisição de aprendizagem por parte dos jovens.

Considerações finais

Ao considerar a sociedade em rede como uma realidade em vias de consolidação, destaca-se a importância da produção e disseminação do saber. Esses processos têm sido efetivados por meio de tecnologias da comunicação, e nesse grupo está incluída a *internet* que, por sua vez, produz e intensifica as características de um convívio em rede, baseado na colaboração e compartilhamento de dados, saberes e informações.

Por esse motivo, faz-se necessário compreender a forma como os sujeitos se relacionam com esse espaço virtual e, principalmente, o que esse contato tem produzido em termos de impacto nos indivíduos. A compreensão desses efeitos é ainda mais necessária ao se falar sobre o grupo dos jovens, já que é o grupo que, de forma comprovada, faz usos mais frequentes das tecnologias que possibilitam a efetivação das redes na sociedade.

Com base no que foi apurado pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2014), pelo Instituto Telefônica (2014) e pelo Banco Mundial (2016) o uso da Internet por jovens tem se tornado cada vez mais frequente e para atender a variadas finalidades. Hoje a *web* tem sido utilizada para atividades de interação social, pesquisa escolar e mesmo para colocação no mercado de trabalho.

Em relação aos sujeitos que fazem uso da *internet* e às formas como esse uso tem sido feito, é possível perceber alterações de natureza do acesso. A disseminação de dispositivos móveis tem permitido que uma parcela da sociedade, que antes não tinha condições econômicas para estar na rede, hoje faça desse acesso uma atividade que em muitas vezes é diária. Nesse sentido, foram verificadas semelhanças em comparação à pesquisa realizada junto aos jovens atendidos pelo Instituto Luciano Barreto Júnior. Isso porque a investigação desenvolvida em Aracaju levou em conta aspectos relativos a jovens em situação de vulnerabilidade social, portanto, pertencentes às chamadas classes C e D.

Os dados aferidos a partir das respostas deles mostraram que há restrição no acesso a dispositivos como o computador de mesa, ausente em 62% das residências dos alunos do ILBJ, o que confirma as informações divulgadas pelos dois relatórios nacionais, segundo os quais a concentração de computadores de mesa é maior nos lares da região sudeste, em casas de famílias das classes A e B.

Outra semelhança, talvez a mais marcante nas pesquisas, é a consolidação dos dispositivos móveis, em especial dos *smartphones*, como a grande porta, em especial, dos jovens para o ciberespaço. O crescimento no uso dispositivos móveis para acesso à *internet* tem modificado costumes sociais, como o hábito, comum há cerca de dez anos, da ida dos estudantes às *lanhouses* para jogos em rede e atividades de estudo. Contudo, ainda não

foi verificado, ao menos nos casos em que se basearam o presente artigo, se a mudança de plataforma também interferiu nos procedimentos de busca e interação.

Ficou também evidenciado que a *internet* exerce um papel influente no cotidiano dos jovens sergipanos, já que na pesquisa realizada em Aracaju, 72% dos entrevistados afirmaram que fazem uso com grande frequência, o que significa uso diário ou semanal. Essa relação dos jovens com a *web* comprova o fato de que essa geração compõem um quadro de indivíduos mediatizados e imersos numa realidade voltada para a virtualização de hábitos profissionais (especialização e colocação no mercado de trabalho), sociais (fortalecimento de laços de amizade, entretenimento, consumo).

Percebe-se ainda que apesar de ser um espaço de compartilhamento de informações, o que inclui as informações relativas ao interesse público, os jovens desconhecem esse potencial de interatividade entre cidadão e Estado na *internet*. No caso dos estudantes do ILBJ, existe uma discrepância entre o que eles afirmam ser informação pública e o que de fato representa esse conceito em se tratando de informações digitais. O desconhecimento acerca desse tema acarreta o baixo acesso a dados e indicadores de relevância para a consolidação da cidadania numa sociedade em redes.

Por fim, entende-se que a cidadania é um conceito histórico, cultural e político que garante acesso dos sujeitos às ações e reflexões da vida pública. No que tange à *internet* e aos espaços virtuais, eles podem ser considerados como dispositivos de acesso, fazendo com que as práticas cidadãs migrem para o ciberespaço, concretizando o que se convencionou chamar por cibercidadania. No caso dos jovens participantes desta pesquisa, foi averiguado um desconhecimento acerca das implicações da cibercidadania no cotidiano deles.

Diante dessa realidade, é possível concluir que o acesso à *web* está cada vez mais presente no cotidiano dos jovens e é concretizado por tecnologias cada vez mais móveis. Também se torna claro que os jovens fazem um uso efetivo dessa rede de compartilhamento, nos mais variados aspectos, e têm produzido de forma significativa sem, no entanto, compreender o lugar e o impacto das tecnologias e da *internet* na vida e na sociedade aqui analisada.

Esses fatores levam à reflexão de que muito mais que pensar e investir no acesso à *internet* e em tecnologias mais avançadas, é preciso também garantir formação e conhecimento para que os jovens compreendam o papel das tecnologias de informação e comunicação na sociedade e o que significa ter acesso e produzir conhecimento num mundo conectado pela rede mundial de computadores.

Referências

- ALMEIDA, M. E. B. *Tecnologias na escola: criação de redes de conhecimento*. In Ministério da Educação. *Tecnologias da Escola*. p. 70-73, Brasília, 2008.
- BANCO MUNDIAL. *World Development Report 2016: Digital Dividends*. Washington, 2016.
- BERHEIM, C. T. *Desafios da universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior*. Brasília: UNESCO, 2008
- BLAIR, B. L.; FLETCHER, A. C.; GASKIN, E. R. *Cell Phone Decision Making: Adolescents' Perception of How and Why They Make the Choice to Text or Call*. Youth Society, maio, Vol. 47, n. 3, p.395-411, 2015.
- BRASILEIRO, A. M. M. *Manual de produção de textos acadêmicos e científicos*. São Paulo: Editora Atlas, 2013.
- BOURDIEU, P. L'estrois états du capital culturel. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. n. 30, p. 3-6, nov. Paris: 1979.
- BURKE, P.; BRIGGS, A. *Uma história social da mídia: de Guttemberg à Internet*. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.
- BURKE, P. *Uma história social do conhecimento II: da Enciclopédia à Wikipédia*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M. *A Era da Informação: A Sociedade em Rede*. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- CEPAL. *Colécción Documentos de Proyectos Avances y desafíos de la Sociedad de la Información en América Latina y el Caribe – 2008-2010*. Naciones Unidas, Santiago de Chile.
- COMITE GESTOR DA INTERNET. *TIC Kids online Brasil 2013: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil*. Relatório Final, 2014.
- CONTROLADORIA-GERAL DA UNIÃO. *Acesso à Informação Pública: Uma introdução à Lei 12.527, de 18 de novembro de 2011*. Brasília-DF. Disponível em: <<http://www.acessoainformacao.gov.br/acessoainformacaogov/publicacoes/CartilhaAcessoainformacao.pdf>>. Acesso em: 15 janeiro 2015.
- CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DALLARI, F. *Direitos humanos e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa nacional por amostra de domicílio contínua 2014*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=46>. Acesso em: 15 janeiro 2015.

KENSKI, V. M. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, São Paulo, 2007.

LINHARES, R. *Gestão em Comunicação e Educação: o audiovisual no espaço escolar*. Maceió: EDUFAL, 2007.

LIPOVETSKY, G. *A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade e hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70, 2007.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Edições 70, 2014.

MINAYO, M. C. de S.; GOMES, S. F. (org) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORIN, E. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez: Brasília-DF: UNESCO, 2000.

MOSSBERGER, K. *et al. Digital Citizenship: The Internet, Society and Participation*. Londres: MIT Press, 2008.

MUNARI, A. *De verdad o de mentira?* In: TANCESCHI, G. *et al. Video culturas del fin de siglo*. Madri: Ediciones Cátedra, 2003.

ORGANIZAÇÃO FUNDAÇÃO TELEFÔNICA. *Juventude Conectada*. Relatório Final, 2014.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na *Web 2.0*. *E- Compós* (Brasília), Vol. 9, p. 1-21, 2007.

PRODANOV, C.C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMÍREZ-GARCÍA, A.; MARÍN-DÍAZ, V.; SÁNCHEZ-CARRER, J. ¿Sabes más que un niño de Primaria? La competencia mediática del alumnado de 4º de Educación Primaria en Andalucía. In.: *Revista Complutense de Educación*. Vol. 25. nº 2. p. 293-312, 2014.

ROSADO, L. A. S.; MARTINS, T. M. O. Redes sociais na *internet* e visões polarizadas de pais de alunos. In: *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Vol. 12, n. 27, p. 341-367, Rio de Janeiro, 2015.

SANTAELLA, L. *A Ecologia Pluralista da Comunicação: Conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

SUNKEL, G.; TRUCCO, D.; ESPEJO, A. *La integración de las tecnologías digitales em las escuelas de América Latina y el Caribe: una mirada multidimensional*. Relatório Final, 2014.

TORNAGHI, A. J. C. Tecnologias de informação e comunicação como suporte a aprendizagem fundada em autoria. In: *Revista Educação e Cultura Contemporânea*. Vol. 9, n. 19, p. 220-234, Rio de Janeiro, 2011.

UNICEF. *A convenção sobre os direitos das crianças*. Relatório Final, 1990.

UNICEF. *A convenção sobre os direitos das crianças*. Final Report, 2007.

WOLTON, D. *O elo indispensável é também o mais frágil: na comunicação, o mais complicado não é a mensagem, mas o receptor*. Brasília: Revista Mídia com Democracia, p. 4-8, 2009.

Submetido em 30/03/2016, aprovado em 30/07/2018.